



ISSN 1981 - 3031

## OS RECURSOS MIDIÁTICOS NA CONTENÇÃO DA VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Maria Verônica Lopes Silva (UFAL)

### RESUMO

A questão da violência na escola é um problema sério, que necessita da atenção de todos os envolvidos na instituição escolar. O objetivo desse texto é relatar a experiência desenvolvida no interior do espaço escolar com o intuito de informar a essa comunidade, a princípio, sobre a atual situação de violência e sensibilizar os alunos no processo educativo para uma participação mais ativa, construindo valores baseados na ética, a fim de estimular um ambiente democrático. Foi possível através da experiência despertar o olhar dos envolvidos para que atos de violência, mesmo cotidianos, não se tornem mais banais, nem sejam devastadores aos vitimizados. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa baseada num relato de uma experiência, onde foram utilizados como recursos midiáticos o computador através da internet (blog) e a história em quadrinhos. Os teóricos que fundamentaram este texto foram MORAN (2008 e 2009) e PARRAT-DAYAN (2008).

**PALAVRA-CHAVE:** Ambiente escolar; violência; recursos midiáticos.

### 1. Contextualizando

Falar hoje sobre a violência tem se tornado uma grande preocupação da humanidade, nas grandes cidades. Todos os dias são cometidos muitos crimes cada vez mais violentos. As pessoas não andam nas ruas com a tranquilidade de muitos anos atrás. Ela é praticada nas relações que estabelecemos uns com os outros. Nesse ambiente de insegurança, construímos o mundo e o transformamos de acordo com nossas necessidades e aspirações. Segundo Pêrsio:

Nos grandes centros urbanos, as relações humanas tendem a ser mais fragmentadas, dinâmicas e impessoais, caracterizadas por um forte individualismo, pois a proximidade física não significa necessariamente



ISSN 1981 - 3031

proximidade afetiva, essa falta de afetividade reforça o individualismo e estimula os conflitos. (2008, p. 46).

É grave, e, no entanto, nos parece invisível, pois levamos a violência para nossos lares, para a escola, para cada canto do nosso encontro com o outro. Não percebemos que ela é decorrente de nossas atitudes, nossa falta de respeito e egoísmo, por nos considerarmos únicos, nos sentirmos perfeitos. O que nos interessa é apenas o nosso bem-estar, por conta disso, mudamos nossa rotina, começamos a nos isolar em condomínios residenciais com cercas elétricas, em nossas casas, tudo fazemos para nos proteger, mas não mudamos nosso comportamento. Assim diz Bittar a respeito da violência:

A criminalidade violenta constitui um fenômeno meramente incorporado ao cotidiano da população brasileira. Mais do que meramente um problema, trata-se de um fato social maior, capaz não meramente de repercutir, mas moldar as mais diversas dimensões em nossa vida comum, desde novos estilos de sociabilidade até novos setores da economia – como a chamada indústria da segurança. (2008, p.267).

Nós a banalizamos, e, mesmo assim, muitas vezes nos revoltamos quando presenciemos ou ouvimos falar de comportamentos agressivos dentro do nosso grupo social, nós mesmos os praticamos no dia-a-dia sem percebermos, por serem frequentes os incorporamos. A gravidade está nessa falta de percepção, por não nos considerarmos responsáveis por esta situação vivida, que em muitos momentos nos faz autores de pequenas e grandes ações nesse imenso universo que são as relações humanas. Dessa forma, não assumimos a responsabilidade pela convivência com o outro.

A fraternidade, o amor por si mesmo, parece um sonho. A convivência é tão superficial que nos tornamos frios. Nosso olhar não transmite compreensão ou tolerância com o outro. Juntando a isso nossa individualidade, nos tornamos menos capazes de lidar com nossas frustrações e neste ponto transformamos os pequenos atritos em grandes confusões. Ninguém é violento sozinho, precisa do outro para agir. Cita Arantes:

O conflito é uma parte natural de nossas vidas. A maioria das teorias interacionistas em filosofia, psicologia e educação está alicerçada no pressuposto de que nos constituímos e somos constituídos a partir da relação



ISSN 1981 - 3031

direta ou mediada com o outro. Nessa relação, nos deparamos com as diferenças e semelhanças que nos obrigam a comparar, descobrir, ressignificar, compreender, agir, buscar alternativas e refletir sobre nós mesmos e sobre os demais. O conflito torna-se matéria-prima para a nossa constituição psíquica, cognitiva, afetiva, ideológica e social. (2007, p.59).

É pensando nessa convivência, na totalidade das ações em grupo, no envolvimento dos indivíduos, no compromisso dele enquanto cidadão responsável por suas ações que se buscam alternativas baseadas no diálogo consciente de que todos são sujeitos-autores no compromisso e no agir dentro do grupo social.

As reflexões suscitadas a partir dos olhares e dizeres dos alunos bem como as observações que desenvolvemos no cotidiano da escola em busca de conhecer a realidade e entender os porquês da violência dentro da instituição nos instigaram, a princípio, informar a comunidade escolar sobre a atual situação de violência dentro deste espaço, com o objetivo de formar cidadãos comprometidos com a transformação de tal realidade. Ao conhecer e analisar essas informações verificamos a necessidade de divulgá-las, para que juntos, professores e alunos, busquem alternativas para uma convivência baseada no respeito ao outro.

Este trabalho foi realizado em uma escola pública estadual com quatro turmas do ensino médio, tendo como objetivo informar esta instituição sobre a situação de violência dentro desse espaço, assim como sensibilizar os alunos, estimulando-os a uma convivência harmoniosa, baseada no respeito mútuo, e alertando também os envolvidos nesse processo para não permitirem que pequenas atitudes agressivas sejam tão banais no cotidiano. Foram aplicados nessas turmas 25 questionários com oito perguntas indagando sobre a situação de violência vivida por eles. Perguntamos inicialmente se eles achavam a violência natural do ser humano, 95% responderam que não e 100% concordaram que ela vem aumentando a cada dia. Constatamos neste momento que apesar de reconhecerem o aumento da violência como alarmante, não acharam que ela poderia fazer parte da natureza humana, esquecendo que muito do que estamos presenciando em nossa sociedade é que ela está sendo praticada com naturalidade pelos indivíduos. Ao perguntar se eles se consideravam capazes de atitudes que provocam a violência, 85% responderam que não. Perguntamos então se eles tinham desrespeitados algumas vezes colegas ou professores, apenas 30% responderam que sim.



ISSN 1981 - 3031

Verificamos neste momento que não quiseram, ou não reconheceram neles, atitudes provocativas, embora a observação mostre que pelo menos 50% deles são passíveis dessas atitudes. A maioria (97%) admitiu que os conflitos podem ser resolvidos de forma não violenta e 100% admitiu que as leis são necessárias para que o grupo social possa conviver de forma organizada. Assim sendo, 100% também admitiu que não é possível uma sociedade sem leis. Indagamos sobre que injustiças eles percebem na escola, relataram que a principal delas é a falta de respeito de muitos colegas, que fazem brincadeiras sem graça e, por parte dos professores, a falta de paciência e modos para lidar com turmas barulhentas e indisciplinadas.

Na realização dessas atividades, nosso objetivo foi informar a comunidade escolar sobre a atual situação de violência dentro do espaço escolar e sensibilizar os alunos para uma participação mais ativa, construindo valores baseados na ética, que estimulam um ambiente democrático, despertando o olhar dos envolvidos no processo para que atos de violência do cotidiano não se tornem mais banais e nem sejam tão prejudiciais aos vitimizados. Usamos como recursos midiáticos o computador através da internet (blog) e as histórias em quadrinhos. Foi escolhido trabalhar com essas ferramentas por elas permitirem um diálogo constante entre os alunos dentro da sala de aula e com as outras turmas da escola, fazendo-os refletirem e reformularem seu pensamento embasando melhor as atitudes. Com as histórias em quadrinhos vimos a possibilidade de estimular a criatividade, elaborando textos e divulgando o que já tinha sido discutido anteriormente, apontando as possíveis soluções.

No blog, os alunos postaram seus comentários sobre vídeos, fóruns, etc., estabeleceram o debate, facilitando a interação e permitindo uma melhor comunicação inclusive com os professores, isso aumentou a responsabilidade sobre o que queriam comunicar, tornando-os autores desse fenômeno. O aluno teve a oportunidade de ultrapassar os limites da sala de aula, de interagir com várias pessoas em qualquer momento, tornando-o ativo no processo ensino aprendizagem. Comenta Pérsio:

O aspecto mais importante da interação social é que ela modifica o comportamento dos indivíduos envolvidos, como resultado do contato e da



ISSN 1981 - 3031

comunicação que se estabelecem entre eles. Desse modo o simples contato físico não é suficiente para que haja interação. (2008, p. 51).

Ao analisar os conteúdos nessa troca de experiência, o aluno verificou também a credibilidade dos sites que desejou inserir no blog. Sua leitura regular, com qualidade, permitiu novas aprendizagens porque apresentam novas expectativas, multiplicando as possibilidades de encontrar mais soluções ao favorecer o diálogo e a intervenção com mais pessoas.

A história em quadrinhos despertou o interesse e facilitou a interpretação texto-imagem, favorecendo no ensino-aprendizagem maior compreensão de uma determinada área do conhecimento. Os alunos fizeram uso de sua criatividade, tornando-se sujeito-autor desse processo. Usando-o como meio de expressar suas idéias, desenvolvendo sua capacidade de interpretação e mobilizando-se diante da questão colocada, compreendendo a importância do conteúdo a ser estudado e aplicando à sua realidade. O aprendizado, assim, tornou-se mais crítico e significativo. A construção da história permitiu a reformulação de conceitos e estimulou mudanças em suas atitudes, levando-os a uma convivência mais saudável com seus colegas e com a escola.

Muitas vezes o estudante pensa que a habilidade prioritária para o estudo é a leitura de textos, seguida da memorização de conceitos e de conteúdos, onde tudo era decorado e repetido através do questionário, da memorização de perguntas e respostas, perde-se muitas vezes um salutar hábito que poderá utilizar durante toda a vida, seja qual for a área do conhecimento ou profissional que irá exercer, pois com a produção textual assimilará melhor os conteúdos. Quanto a isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que:

Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessária a disponibilidade para o desenvolvimento do aluno na aprendizagem, o empenho em estabelecer relações entre o que já sabe e o que está aprendendo, em usar instrumentos adequados que conhece e dispõe para alcançar a maior compreensão possível. Essa aprendizagem exige ousadia para se colocar problemas, buscar soluções e experimentar novos caminhos de maneira totalmente diferente da aprendizagem mecânica, na qual o aluno limita seu esforço apenas em memorizar ou estabelecer relações diretas e superficiais. (PCN, 1997, p.64).





ISSN 1981 - 3031

A linguagem é a forma como concretizamos tudo que o aprendemos. Ao utilizar a produção textual na sala de aula, o aluno estará trazendo para o ambiente escolar temas que se relacionem ao seu cotidiano e que fatalmente estará presente em suas relações com a sociedade. As tecnologias os levaram a criar condições e a provocar mudanças significativas na construção desse conhecimento. Observando que não é o computador ou a história em quadrinhos que vão ensiná-los, mas trata-se de recursos que levarão os educandos a criarem um ambiente significativo, para poder refinar as idéias, levantar hipóteses, e principalmente ouvir e discutir com outros pontos de vista.

Esses recursos ajudam-nos a desenvolverem habilidades intelectuais. Muitos aprendizes se sentem estimulados e concentrados nessas atividades. Buscam mais informações e um maior número de relações entre as informações, isso possibilita a cooperação entre eles. Outro ponto positivo é a interação professor-aluno, que é melhorada a partir do momento em que eles explicitam a forma de pensar, colocando com muita propriedade os pontos de vista num diálogo contínuo com o mediador da aprendizagem. O professor também faz a revisão do que o aluno aprendeu, quais as dificuldades ou se houve assimilação dos conteúdos pesquisados e discutidos. Como diz Moran:

Um dos grandes desafios do educador é ajudar a tornar a informação significativa, a escolher as informações verdadeiramente importantes entre tantas possibilidades, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda e a torná-las parte do nosso referencial. Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando-o a um novo contexto. (2009, p. 23-24).

Claro que as tecnologias dependem do uso e do planejamento que se faz dela, pois são apenas recursos, cabe ao professor estabelecer metas e programar sua utilidade dentro dos conteúdos que devem ser ensinados. Buscando a melhor forma para desenvolver suas atividades e superar as expectativas dos alunos, ajudando-os a se apropriarem dos conteúdos de forma mais efetiva.



ISSN 1981 - 3031

Num trabalho cooperativo onde se ressalta a participação de todos, oferece ao aluno a oportunidade de assumir a responsabilidade pelo que está aprendendo. No final cada um terá aumentado o seu cabedal de conhecimento, estará mais apto a realizar tarefas, a mudar atitudes, a se socializar e conviver com o outro no amor e respeito ao próximo, tornando a escola mais participativa e atuante perante a sociedade. Comenta Puig:

Entende-se que uma escola democrática define-se pela participação do alunado e do professorado no trabalho, na convivência e nas atividades de integração. Uma escola democrática, porém, deve possibilitar a participação como um envolvimento baseado no exercício da palavra e compromisso da ação. Quer dizer, uma participação baseada simultaneamente no diálogo e na realização dos acordos e dos projetos coletivos. A participação escolar autêntica une o esforço para entender e para intervir. (2003, p. 33).

A verbalização foi interativa entre os estudantes, tornando-se a chave para o conhecimento mais elaborado. Ouvindo, discutindo e dialogando, eles tornaram o pensamento mais claro e encontraram palavras para exprimi-lo melhor e também para provocar mudanças no comportamento.

## **2. Olhares e dizeres dos alunos**

A violência na escola é invisível; em muitos momentos, silenciosa, mas presente em suas mais diferentes manifestações (gestual, física, verbal etc.). É muito comum os alunos relacionarem suas atitudes individuais e coletivas como brincadeiras, não percebendo a falta de respeito, a invasão do espaço do outro. Parrat-Dayán diz: “Os problemas de indisciplina manifestam-se com freqüência na escola, sendo um dos maiores obstáculos pedagógicos do nosso tempo. A maioria dos docentes não sabe como interpretar nem como enfrentar um ato de indisciplina” (2008, p.7).

Realmente, dentro das salas de aula, o que mais vemos é o despreparo de professores para enfrentar alunos indisciplinados. Muitos se deixam levar pela situação e explodem de forma tão agressiva quanto os alunos. Não distinguem o que é certo ou errado, restando um aluno irritado, um educador estressado, e muitas vezes doente, levando seu trabalho nos ombros como um grande peso. A escola deixa de ser o espaço para o desenvolvimento do



ISSN 1981 - 3031

conhecimento, para a formação de uma consciência crítica e reflexiva, onde deveria ser promovido o diálogo, o respeito às diferenças, e perde a oportunidade de construir uma nova história em que as pessoas possam ver no outro um igual. A fala da aluna durante a investigação reflete nossa reflexão:

É o que realmente vem acontecendo na vida e nada do que passou é mentira, às vezes, nós mesmos praticamos esse tipo de violência e nem percebemos, temos que parar e refletir, porque nada disso está correto. Se ao invés da gente brigar, bater ou tentar machucar, a gente conversasse com o outro, sairia bem melhor, pois não é com porradas e grosserias que a gente resolve, muito pelo contrário, só pioramos a situação. (Aluna J).

Neste relato, a aluna mostra a necessidade do diálogo com o outro, a importância de se buscar alternativas que os levem a uma reflexão sobre a situação que estão vivendo. Se as relações estabelecidas desde a mais tenra idade fossem baseadas no diálogo e ainda numa educação onde a afetividade tivesse importância, os envolvidos no processo tenderiam a interagir melhor e com mais respeito dentro do seu grupo social.

Há a necessidade de uma atenção maior da família mostrando o que é certo ou errado. Em um lar onde as relações sejam baseadas no diálogo e ainda numa educação onde a afetividade tenha importância, os indivíduos irão interagir melhor e com mais respeito dentro de seu grupo social.

Os professores já cansados e estressados observam os alunos como desinteressados, sem educação, principalmente a familiar. Os alunos, por sua vez, sentem-se desrespeitados, desprotegidos dentro de uma instituição, cujo objetivo seria educar ou orientar para a vida. A violência assim se produz dentro da escola, ela é o espelho do que acontece na sociedade. Moran diz:

Nós, educadores, nos sentimos meio perdidos e descrentes diante de tantos desafios e condições profissionais pouco dignas. Se formos pessoas amadurecidas, equilibradas e otimistas nossos alunos encontram em nós motivos para também acreditarem em si, para avançar mais e para serem melhores. (2007, p.55-59).





ISSN 1981 - 3031

Essa situação é agravada porque nós mesmos, pais, mães, professores ou responsáveis jogamos a culpa uns nos outros. Esquecemos que nosso papel como educador e cidadão é ajudar esses jovens a se desenvolverem com autonomia, independência moral e intelectual e com capacidade humana para auto governar-se e a se perceber, também, como um sujeito responsável dentro do grupo social do qual faz parte. Outra aluna relata:

Existe uma realidade muito comum nas escolas, que pode ter início dos dois lados: tanto dos alunos, como dos professores. Da parte dos alunos, essa violência pode acontecer até mesmo pela falta de educação em casa ou pelas más influências. Da parte dos professores, pode acontecer simplesmente pela dificuldade de lidar com os alunos dentro da sala de aula, fazendo com que percam o controle de si. (Aluna N).

A falta de limites dos alunos é real, necessita-se de uma atenção maior da família. Espera-se que a escola cumpra esse papel. O professor precisa ser parceiro do aluno na construção do conhecimento, não pode ficar no campo da neutralidade. A escola tem regras contra a indisciplina, mas precisa melhorar, refletir junto com eles essas regras para que possam ter a sensação de pertencer ao grupo. A reflexão sobre as regras carece de um diálogo permanente, como sugere Puig:

É o momento em que o coletivo se reúne para refletir, tomar consciência de si mesmo e transformar tudo aquilo que seus membros consideram oportuno. É o momento organizado para que alunos e alunas, professores e professoras possam falar de questões que lhes pareçam pertinentes para melhorar o trabalho e a convivência. (2000, p. 21).

É nesse momento que a escola deve concentrar seus esforços, não sendo apenas a transmissora do conhecimento, mas sendo o veículo que possibilite a discussão, o diálogo e a busca para o equilíbrio emocional. Só assim os alunos poderão reformular suas ideias e pensamentos, melhorando suas atitudes.

Ao refletirem, dialogicamente, o próprio grupo se organiza e cria regras que vão representar a vontade da maioria. Tais regras passarão a ser cobradas por eles mesmos. Dentro da instituição reinará a paz. Todos assumirão a sua responsabilidade de forma colaborativa dentro do papel que desempenham na escola, mantendo, dessa forma, as relações mais harmoniosas. Como recomenda Araújo:

Além de ser um espaço para a elaboração e re-elaboração constante de regras que regulam a convivência escolar [...] propiciam momentos para a negociação e o encaminhamento de conflitos cotidianos. Dessa maneira, contribuem para a construção de capacidades psicomorais essenciais ao processo de construção de valores e atitudes éticas. (2004, p.21).

Se os professores assumirem esse papel de pensar na escola como um lugar para se aprender a viver, levar para a sala de aula conteúdos que façam parte do cotidiano do aluno e aliá-los ao conteúdo das disciplinas, refletindo com eles essa realidade, a escola estará cumprindo esse papel, não apenas cumprindo o seu papel, mas auxiliando os partícipes desse processo a serem autênticos cidadãos. Observamos nas falas dos alunos abaixo a necessidade que eles têm de discutir o assunto:

O que tenho a dizer também é que os pais devem tomar uma atitude, pois seus filhos têm que ser educados na escola. Para mim não existe um só errado, professores estão errados, pais estão errados, alunos estão errados e de certa forma a sociedade inteira. (Aluno R).

É [...] alguns professores não sabem lidar com os alunos, mas a grande parte dos alunos não facilita o trabalho do professor. Mesmo assim, os professores têm que ter capacitação para lidar com o psicológico dos alunos, para não haver contradição. (Aluna E).

Os alunos aqui demonstram a necessidade de uma maior atenção, tanto da família, quanto da escola, acompanhando-os e orientando-os em seu desenvolvimento intelectual e afetivo, guiando-os nas relações interpessoais, tornando estas mais equilibradas e agradáveis a seus pares.

### **3. Relato de uma experiência**

Essa experiência surgiu da necessidade de criar situações para que os alunos refletissem em torno de seus comportamentos, procurando modificá-los, uma vez que para haver organização dentro do grupo é necessário o respeito ao outro, onde todos possam assumir a responsabilidade de forma colaborativa dentro do papel que desempenham na escola. A experiência foi desenvolvida com quatro turmas do 1º ano do ensino médio. Ao iniciarmos as atividades, procuramos saber dos alunos quais temas gostariam que fossem

trabalhados durante o ano letivo, assim, sugeriram o tema Violência, justificado pela aluna A: “ Está mostrando a realidade cruel dos nossos dias atuais, a falta de respeito com as pessoas, principalmente, os jovens que todos dizem ser o futuro do país”. “Foram eles (os governantes) que começaram esse tipo de confusão e impunidade maiores” (Aluna C).

Iniciamos as primeiras atividades em grupo, pesquisando como as diferentes mídias (jornais, revistas, televisão, rádio etc.) abordam o tema, buscando entender e conceituar os diferentes tipos de violência e como ela se apresenta. Entende-se aqui por violência uma relação de poder que um exerce sobre o outro, cujo objetivo é causar dano à pessoa vitimizada. Hoje ela assusta e inibe as pessoas na convivência social. Apresenta de várias formas:

- Violência física – que se caracteriza por tapas, empurrões, uso de armas, etc.
- Violência verbal – é o uso da força imposta pela palavra, quando colocamos um sentido pejorativo.
- Violência pedagógica – quando o professor toma atitudes que menosprezam os alunos, deixando-os humilhados diante da turma. Ela é sutil e se esconde nas práticas pedagógicas.
- Violência simbólica – usam-se os símbolos para substituir uma realidade concreta, criando estereótipo e discriminando pessoas ou grupos.
- Violência psicológica – usam-se expressões que provocam a discriminação de uma minoria (exemplo: machismo, homofobia).

Socializamos esta pesquisa entre os grupos para que pudessem trocar impressões sobre os conteúdos pesquisados. Foram nesses momentos de troca de informação que eles expuseram seus sentimentos, pensamentos e idéias, para buscar uma melhor atuação na comunidade escolar.

Desta forma, os conceitos foram se alargando do senso comum para o científico. Observamos em muitos alunos surpresa por descobrirem que pequenos atos cometidos por eles mesmos na escola, dentro do que foi pesquisado, recebiam nome dentro do contexto da



ISSN 1981 - 3031

violência. Começaram a reavaliar os conteúdos e dúvidas existentes buscando uma melhor forma de resolver a questão. Segundo Arantes:

Ao se dialogar sobre um conflito, é garantido a todos os membros que dela participam a igualdade de direitos de expressar seus pensamentos, desejos e formas de ação, ao mesmo tempo em que é garantido a cada um de seus membros o direito à diferença de pensamentos, desejos e formas de ação. Pelo diálogo, [...], as alternativas de solução ou de enfrentamento de um problema são compartilhadas e as diferenças vão sendo explicitadas e trabalhadas regularmente, durante um longo processo de tempo. (2007, p.65).

Assistiram ao filme: *Ética e Direitos Humanos/TV Escola*, que mostra os tipos de violência (verbal, familiar, escolar, entre outras). Foi sugerido que relacionassem à sua realidade, comentando a compreensão do “texto”, aplicando os conceitos previamente conhecidos. Expuseram seus pontos de vista a partir dos elementos que observaram dentro deste mesmo texto. Os alunos se colocaram:

Nossa! Professora, eu conhecia o assunto, mas não sabia da gravidade, pudemos ver que isso acontece com frequência em todos os lugares e com todos os tipos de classe social. Para evitar, a escola deve estimular os alunos, mostrando-lhes que não se pode inibir uma pessoa só porque ela é diferente ou não se enquadra no padrão do seu grupo, devem-se orientar os alunos na discussão aberta, claro que isso não é responsabilidade só da escola, mais dos pais que devem orientar seus filhos e observar suas atitudes. Bullying é sério e isso só vai acabar se todos nós nos unirmos em um só objetivo. (Aluna B).

A aluna traz em sua fala uma categoria que vem sendo discutida no campo dos estudos sobre a violência: o bullying, que se caracteriza sob diversos aspectos que vão do mais sutil ao ostensivo, designado por comportamentos agressivos intencionais, repetitivos, antissociais que são adotados por um ou mais alunos contra outros colegas. Parece brincadeira, mas não é, o sofrimento pode levar a vítima à depressão e nos casos graves, à morte. Continuando com a fala de outro aluno:

Não é uma questão de classe social, a violência está em toda parte, deste modo gostaria de dizer que este vídeo foi um auxílio e um alerta, incentivando-nos, para que possamos pensar antes de dizer ou falar algo para



ISSN 1981 - 3031

alguém. Por mais alternativas que tivermos, temos que tentar buscar um ponto de equilíbrio. Pois, além da agressão física, a humilhação pode causar danos como transformar uma pessoa ao ponto de fazer com que os indivíduos sofram de causas graves, como distúrbios psicológicos. (Aluno C).

A partir deste momento as atividades se concentraram em entender como ocorre a violência dentro do contexto escolar, bem vivida por eles das mais diferentes formas: verbal, gestual, simbólica. Foi promovida uma discussão para que pudessem de fato e embasados teoricamente fazer uma análise do cotidiano. Constataram, então, que muitos colegas ultrapassaram seus espaços onde o tom era sempre de brincadeira, mas havia falta de respeito, em muitos momentos, também relacionado ao professor.

Criamos um blog para permitir uma aprendizagem mais significativa e assim abrir o espaço para que pudessem debater o assunto com todas as turmas da escola e com seus professores. Seguimos a orientação de Arantes quando comenta:

Com esse tipo de proposta educacional, a escola entende que, da mesma forma que os estudantes aprendem a somar, a conhecer a natureza e a se apropriar da escrita, é fundamental para suas vidas que conheçam a si mesmo e a seus colegas, e as causas e as conseqüências dos conflitos cotidianos. Trabalhando dessa maneira, por meio de situações que solicitem a resolução de conflitos, a educação atinge o duplo objetivo de preparar seus alunos e alunas para a vida cotidiana, ao mesmo tempo em que não fragmenta as dimensões cognitivas e afetivas no trabalho com as disciplinas curriculares. (2007, p.63).

Adotamos como exemplificação situações reais da vida dos alunos, considerando os desejos e as expectativas dos mesmos na elaboração do conhecimento científico, formando uma comunidade virtual em torno de interesses comuns, mais voltados para uma perspectiva pedagógica. Os alunos em sua maioria nunca tinham participado desse tipo de atividade, mas afirmaram que já participaram de outras comunidades, a exemplo do Orkut. O diálogo foi estabelecido, promovendo o esclarecimento e o discurso de forma mais abrangente, como demonstra a longa fala de um aluno:

Para que a violência na escola diminua, é necessária uma atuação mais forte e presente da escola com regras e soluções específicas para os casos de



bullying, os profissionais têm de buscar uma maneira de resolver os conflitos adequadamente. Assim, como a família tem um papel muito importante, ela precisa estar nas escolas cobrando da escola e participando da rotina da criança. Os estudantes precisam receber segurança da família e da escola.

Atitudes como suspender o agressor e colocá-lo para fora da sala de aula só geram mais violência. Além do mais, o Brasil não possui uma lei específica para o bullying. Temos que tentar melhorar primeiramente nossa classe e depois a escola onde estudamos, quando vivemos “zoações”, ou seja, fatos relacionados ao bullying, devemos nos impor e terminar com isso de vez, ao invés de apoiar o agressor incentivando e rindo da situação da vítima.

Pois a partir do momento em que o agressor escolhe a vítima ele a maltrata visando ridicularizá-la diante dos colegas. O agressor também sabe manipular, persuadir os expectadores a ponto de fazer com que eles o apoiem. A vítima passa a se sentir um lixo, sua autoestima está tão baixa que até chegam ao extremo, preferindo morrer a voltar para a escola. (Aluno C).

São nessas relações dialógicas baseadas no respeito mútuo e na cooperação que eles formam uma consciência crítica e reflexiva em tudo que ocorre dentro do seu cotidiano e mais especificamente dentro do contexto escolar e de si mesmos. Nesse sentido Parrat-Dayan explica:

Se quisermos formar personalidades autônomas então devemos favorecer as relações de cooperação, já que estas passam da heteronomia para a autonomia. Assim, a escola deveria ser um ambiente cooperativo e não um ambiente de obediência ao professor. E, ainda que não seja fácil estabelecer um ambiente escolar totalmente livre de autoridade, é possível reduzir a autoridade do adulto a partir do respeito mútuo, de tal forma que as crianças possam participar da organização das regras e decisões da escola. Nesse ambiente, a repressão unilateral do adulto não existe. Ao contrário, tanto o adulto quanto a criança funcionam com as relações de cooperação e respeito mútuo. Planejam-se as atividades de grupos que favoreçam a reciprocidade. As crianças têm, constantemente, a oportunidade de escolher, tomar decisões livremente. Isso cria condições que geram a cooperação. (2008, p.83).

Cabe à escola desenvolver um trabalho que estimule os alunos a serem independentes em seu pensamento e que juntos trabalhem em prol de um bem comum. Que as regras possam ser obedecidas sem serem impostas, uma vez que os alunos estarão discutindo-as constantemente. Num trabalho cooperativo, onde todos participam ativamente é mais fácil serem trabalhadas as questões que envolvam sentimentos.

Finalizando, as atividades foram elaboradas pelos alunos em duplas, a exemplo das histórias em quadrinhos em anexo. Foi proposta a leitura sobre a Violência na Escola, não tendo esta um fim em si mesma, mas como meio eficaz de assimilação de conceitos e conteúdos, levando-os a um ensino mais interessante. Depois foi cobrada a produção de textos. Puderam construir o conhecimento baseado não só na palavra, mas também na imagem e nas práticas sociais, buscando alternativas para a resolução de conflitos. O que podemos identificar na fala dos alunos ao sugerirem possíveis soluções para uma convivência mais harmônica, sem as agressões a que estavam habituados:

A melhor forma de lidar com esta situação de violência é saber se as instituições de ensino possuem ampla capacidade educativa para advertir os alunos que praticam a violência, advertir com regras específicas para o bullying, auxílio e atenção dos familiares. (Aluno D).

Apesar de sério, o bullying ainda tem solução: um Brasil com mais educação, igualdade para todos. Intimidação e humilhação existem entre as pessoas, o diálogo e o entendimento são a melhor maneira de resolvê-los. Quando todos se entendem, todos ganham. (Aluno F).

Quando alguém vir ou souber de uma briga entre os alunos, avisar à direção e aos professores para comentem sobre esse tipo de violência, fazer trabalhos (atividades) de combate à violência para quebrar o gelo entre os alunos, os pais devem conversar com os filhos para que eles contem seus problemas. (Aluno C).

A direção deve espalhar cartazes contra a violência e comentar com os alunos. (Aluno G).

Embora estejam se tornando cada vez mais comuns as agressões físicas e psicológicas, temos que ter um plano em cada instituição para acabar com a violência no meio educacional. (Aluno K).

As pessoas devem se respeitar sendo pretas ou brancas ricas ou pobres. Há oportunidades para todas. (Aluno D).

Os professores deveriam conversar com os alunos, entender o lado deles, e, se tiver algum problema, tentar resolver e não partir para a violência. Assim, estarão ajudando a ter mais violência na sala de aula, essa sim é a melhor solução para ajudar mais. Fazer também palestras. (Aluno P).

Tomar atitudes que os outros tenham como exemplo. Punir os alunos que fazem baderna (bagunça), pensar duas vezes antes de fazer algo. (Aluno T).



ISSN 1981 - 3031

As falas registradas acima demonstram que captaram não só os conteúdos das pesquisas feitas, bem como refletiram criticamente e buscaram soluções alternativas para os questionamentos.

A avaliação se deu de forma processual ao logo do desenvolvimento das atividades. Pode-se observar a formação de conceitos, analisando os questionamentos e as intervenções. Através do diálogo, fomos verificando se houve aprendizado dos conteúdos propostos e se houve mudança de atitude frente aos problemas levantados no que se refere à superação de idéias do senso comum. Houve acompanhamento fazendo a leitura do que foi produzido pelos estudantes, elaborando sugestões, fazendo as intervenções necessárias nos textos produzidos por eles, incentivando várias leituras e a retomada de conteúdos. Observou-se também a forma reflexiva e crítica de eles abordarem o tema, bem como a concatenação de idéias e a criatividade.

Em relação à produção dos alunos, avaliamos que ensinar é muito mais que transmitir o conhecimento, é orientar para a aprendizagem, ajudar a formular conceitos e despertá-los para as potencialidades inatas, que encontrem um equilíbrio em torno de verdade que eles próprios constroem como opção de vida. Embasados teoricamente, são capazes de buscar novas formas de convivência, mudando de atitude, se tornando um cidadão autônomo e criativo, mais responsável pelo seu grupo. Assim, a educação passa a ter como ponto principal a autorrealização.

#### **4. Conclusão**

Os diálogos produzidos na escola são momentos únicos que estimulam professor, alunos e todos que fazem a instituição, levando-os a refletirem a realidade vivida.

Mediada pela observação dos diálogos, questionamentos e intervenções possibilitados pelos recursos midiáticos, foi possível analisar que apesar de os alunos assimilarem bem os conceitos e participarem dos debates com empenho, ainda apresentam dificuldades para mudar as atitudes que desrespeitam o outro e provocam conflitos. Esses comportamentos estão intimamente ligados ao seu cotidiano, e por isso nem sempre o percebem. Levará um



ISSN 1981 - 3031

tempo para que consigam estabelecer relacionamentos baseados na paz, no respeito e na busca de uma convivência democrática.

Saliento ainda que os professores têm uma boa parcela de contribuição para o quadro apresentado, pois não conseguem argumentar com os aprendizes. Consideramos que suas posturas são sempre impostas e os alunos revidam de forma provocativa. Nesses momentos, os professores tomam para si o direcionamento dessas atitudes, tratando-os como fracassados, ineficientes ou desprovidos de qualquer conhecimento e respeito, a despeito do que eles próprios dizem ensinar. Os estudantes passam a agir agressivamente e de forma tão natural que para eles é imperceptível.

Quando realizaram atividades reflexivas com temas do cotidiano, os alunos aprenderam de forma mais coerente e legítima, reformularam seus conceitos, dialogaram com o professor e os colegas de forma mais serena, exprimindo sua emoção e resolvendo seus conflitos. Mudando sua atitude perante a vida, deixaram de lado o que foi imposto e estabeleceram aos poucos novas regras de convivência que ressaltam a dignidade e a sensibilidade humana de que todos são portadores, gerando compromissos diários, diálogo, respeito e reconhecimento do outro. Mostraram que o trabalho coletivo pressupõe a participação de todos que fazem a escola, já que ao renovar o posicionamento crítico, basearam seus valores dentro da ética e construíram um ambiente de paz e transformação dentro do espaço escolar.

Constatamos que o relacionamento professor-aluno e alunos-alunos melhorou em prol do bem comum, levando-os à reflexão e à formação de uma consciência crítica capaz de avaliar o relacionamento com o outro, respeitando as diferenças.

## Referências

ARAÚJO, U. F. *Assembléia Escolar: um caminho para a resolução de conflitos*. São Paulo: Moderna, 2004, p. 21.



ISSN 1981 - 3031

ARANTES, Valéria Amorim. *Ética e Cidadania: construindo valores na escola*. Ministério da Educação (MEC), Brasília, 2007, p. 59, 63, e 65 .

BITTAR, Eduardo G, TOSSI, Giuseppe (orgs.). *Democracia e Educação em Direitos Humanos numa época de insegurança*. Brasília, 2008, p.267.

MORAN, Manoel. *A Educação que Desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Ed. Papyrus, 2007, p. 55 a 59.

MORAN, José Manoel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas Tecnologias e mediação Pedagógica*. Campinas: Ed. Papyrus, 2009, p. 23- 24.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 2008, p. 46 e51.

PARRAT-DAYAN, Sílvia. *Como enfrentar a Indisciplina na Escola*. São Paulo: Ed. Melhoramento, 2008, p. 7 e 83.

PUIG, J. M; MARTIN, X; ESCADIBUL, S; NOVELLA, A. *Democracia e Participação*, São Paulo: Moderna, 2000, p. 21.

PUIG, J. M. *A Construção da Personalidade Moral*. São Paulo: Moderna, 2003, p. 33.

PCNs - *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997, p.64



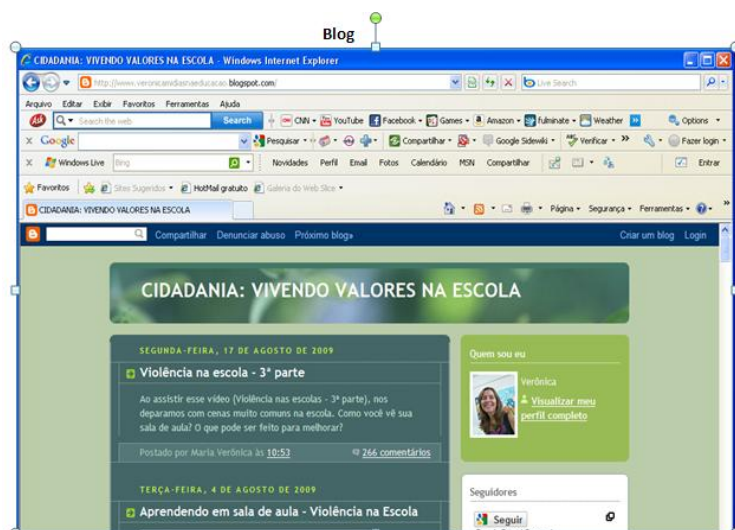
## ANEXOS

### Elaborando uma história em quadrinhos

- 1- ROTEIRO, colocando no papel como será a história toda.
- 2- Ver quantos quadrinhos vai ter e distribuir os quadrinhos entre as páginas.
- 3- Diagrame sua história, “diagramar” é decidir a forma e o tamanho dos quadrinhos, lembrando que um pode ser o dobro do outro e ocupar uma tira inteira.
- 4- Pense nos desenhos, as formas que os personagens irão ter: coisas simples podem se tornar grandes efeitos – você pode desenhar um triângulo para ser o corpo do personagem e uma bola para ser a cabeça por exemplo. Deixe a criatividade ajudar na montagem dos personagens.
- 5- Lembre de criar cada personagem com suas características próprias, tanto no desenho (físico) quanto em sua personalidade (emocional).
- 6- Comece a história pelos textos – balões dos personagens para depois construir as cenas, isso facilita na distribuição das cenas sem ter interferência nos textos.
- 7- Procure usar sempre letras maiúsculas, destaque termos, palavras com negrito sempre que houver necessidade.
- 8- Finalize sua história sempre com uma surpresa no final. Não se esqueça de colocar a palavra FIM.

**História em quadrinhos**







O bullying, começa através de uma brincadeira, uma brincadeira chata e as vezes sem fim, quem passa por essa brincadeira, sofre muito e chega a ficar doente. Quem sofre esse tipo de violência tem que pedir a ajuda de aguem tanto dos funcionarios, professores, pais etc..., e os pais tem que peceber o que si passa com seu filho. Realmente é um absurdo pessoas que fazem isso merecem ser punidos. Como? quem presenciar esse tipo de violencia na escola tem que comunicar aos professores, para que eles resovam algo.

2 de outubro de 2009 06:46

Bom!!! Dou graças a Deus por nunca ter presenciado uma situação tão terrível. O bullying é um crime que vem rondando as escolas e prejudicando o estudo de alguns alunos que realmente querem estudar, o aluno acaba adoecendo tendo que procurar um psicólogo, e outros que acabam morrendo por ser inteligente, estudioso, tímido e educado. Temos que acabar com essa violência. Professores até com medo de voltar a escola pra dar aula que absurdo. Temos que respeitar uns aos outros para que isso não aconteça. Também acho que os professores tem que ter um dialogo certo pra conversar com o aluno pra não acabar de uma forma trágica....

16 de outubro de 2009 08:38